

POLÍTICA ECONÔMICA

Empresário propõe projeto nacional

Brasil perdeu a imagem de país com grande potencial, diz Teixeira da Costa

O empresário Roberto Teixeira da Costa, presidente da Brasilpar, empresa especializada em consultoria financeira e de investimentos, propõe um projeto nacional coordenado pelo governo e sustentado por acordos no Congresso como forma de encaminhar a solução dos problemas estruturais da economia brasileira e recolocar o País como uma força emergente na economia mundial.

Teixeira da Costa, ex-presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e um dos mais respeitados especialistas na área de investimentos, voltou recentemente de Tóquio, onde fez conferência num seminário sobre os países asiáticos. Como representante brasileiro, o empresário sentiu a marginalização do País do cenário econômico. "Perdemos a imagem de nação com grande potencial de crescimento, conquistada nos anos 70", afirma Teixeira da Costa. "Hoje somos Terceiro Mundo."

CURTO-PAZISMO

Há necessidade, segundo o empresário, de um projeto nacional no qual a sociedade diga que país deseja e sob quais condições — se quer, por exemplo, viver com inflação alta ou não. O governo, observa, não pode mais correr atrás ape-

nas de resultados conjunturais mesmo quando segue uma política de mudança estrutural. "É preciso acabar com o curto-prazismo brasileiro", diz Teixeira da Costa. No projeto brasileiro, o governo teria de indicar metas de longo prazo para a sociedade e não tomar medidas de impacto para obter retorno rápido.

O presidente Fernando Collor, na opinião de Teixeira da Costa, subestimou as dificuldades e superestimou sua capacidade de fazer mudanças. Os problemas surgidos com a crise do Golfo Pérsico expuseram, porém, o "equilíbrio precário" da economia brasileira. O Plano Collor, decretado em março, lembra o empresário, causou inicialmente um torpor nos agentes econômicos. A partir de maio, depois de liberações de cruzados novos bloqueados, a economia voltou a funcionar como se tudo tivesse voltado à normalidade. "As pessoas acharam que os problemas do País estavam resolvidos", explica Teixeira da Costa. "Houve um prematuro desarmamento de espíritos e os críticos do Plano passaram até a apoiá-lo."

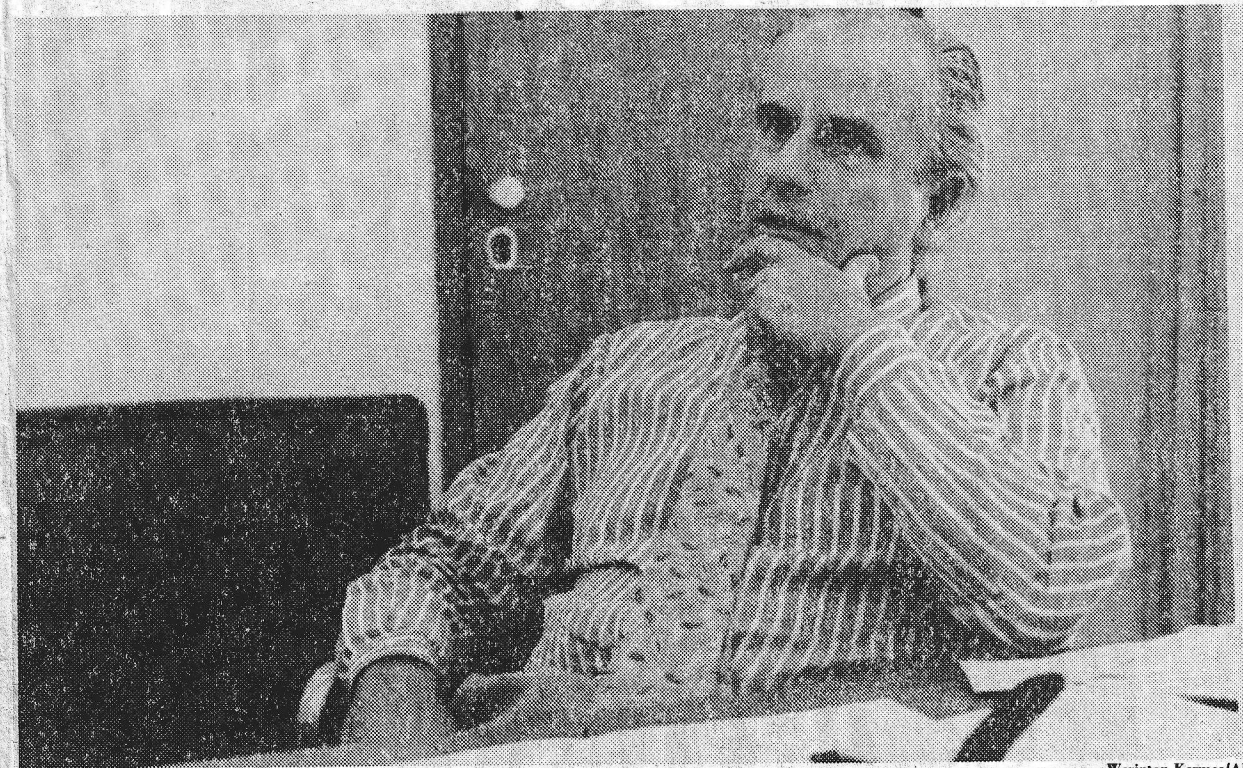
A crise do Golfo levou a um aumento no preço do petróleo, foi apontada como um dos fatores de retomada da inflação, mas deixou evidente, acima de tudo, a necessidade de um ajuste mais profundo. "Outros países puderam repassar aos preços, rapidamente, a alta internacional do petróleo", explica o empresário. Nesses países, foi possível baixar os preços dos combus-

tíveis quando o custo internacional do barril do petróleo recuou, depois de um abrandamento da crise. Aqui, o governo teve de esperar porque, se houvesse uma diminuição no preço internacional, como de fato ocorreu, seria difícil obter um recuo equivalente. A inflação teria subido ainda mais.

SEM FÉ

A fragilidade da economia, visível quando um fator conjuntural externo é capaz de desestruturar um programa, tem de ser corrigida no projeto nacional, com propostas consistentes. "O desenvolvimento tecnológico tirou dos países detentores de matérias-primas e recursos naturais, como o Brasil, a vantagem sobre os outros", diz Teixeira da Costa. "Outros países tiveram programas para garantir um forte apoio ao desenvolvimento." No Brasil, porém, o governo determinou a "abertura dos portos" para estimular a competitividade, mas não deu instrumentos para o empresariado investir.

O País, diz o empresário, perdeu a fé e as pessoas passaram a achar que os problemas são insuperáveis. Apesar disso, é possível vencer os desafios. "Perdemos dez anos, mas ainda temos chance", diz Teixeira da Costa. O empresário cita Winston Churchill para propor a melhor forma de enfrentar os obstáculos: "Não falemos em dias mais negros. Vamos falar, mais propriamente, em dias mais severos, os melhores dias que nosso país já viveu."



Werinton Kermes/AE

"Hoje somos Terceiro Mundo, perdemos dez anos, mas ainda temos chance. Não falemos em dias mais negros"